

Folha de S. Paulo

14/7/1986

Horror. Vergonha

Marilena Chauí

Parecia tempo de malufismo: policiais armados até os dentes, metralhadoras em punho, disparando contra uma população desarmada (na televisão, um comandante da polícia nos explica que "metralhadora é arma de proteção coletiva!"). Um rapazinho, ensangüentado, afirma ter sido espancado por policiais dentro de sua própria casa. Uma mocinha, filho nos braços, soluça diante das câmeras da Rede Manchete (única a entrevistar os bóias-frias, enquanto outras emissoras colocam no ar o secretário da Segurança, o governador Montoro e o ministro Marco Maciel). A mocinha, de vinte anos, acaba de enviuvir: foi morto seu marido, Orlando Correa de vinte e dois anos, bóia-fria em greve, na cidade de Leme. "Ele só estava procurando o bem da família. Ele não merecia isto, meu Deus.", lamenta ela, entre lágrimas. E à pergunta, suspensa como um grito parado no ar: "Por que isto tinha que acontecer?"

Parecia tempo de malufismo: parlamentares arrastados pelas ruas, levados a delegacias de polícia para serem autuados, carros oficiais atacados pelos policiais, deputados sob acusação de "iniciar a violência" e "incitar agitação". Lembram-se de Maluf, Murilo Macedo e Marco Maciel dizendo exatamente a mesma coisa quando parlamentares do antigo MDB estiveram apoiando os metalúrgicos do ABC, em 1978 e 1979?

Parecia tempo de malufismo: Roberto Della Mana, presidente da Fiesp, envia carta ao governador do Estado solicitando reforço policial contra o "regime de grevismo" e, um dia depois, a polícia metralhadoras em punho, sai matando, em Leme — além de Orlando Correa, foi morta Cibele Aparecida, 17 anos, cortadora de cana e empregada doméstica (consta que, em Leme, há três profissões a que as "subalternos" têm "direito": bóia-fria, empregada doméstica e prostituta). Trinta feridos na Santa Casa de Misericórdia. Ninguém carregava armas.

Parecia tempo de malufismo: enquanto a UDR é fundada, as autoridades (SNI, ministro Marco Maciel, ministro Paulo Brossard, delegado Romeu Tuma, comandantes da PM) acusam CUT e PT de provocarem "agitações no campo" com a finalidade de "desestabilizar a Nova República". Caça às bruxas. Teriam pesquisas secretas do SNI revelado a vitória do PT, em São Paulo? Talvez. Não está Quércia exigindo a renúncia de Suplicy, afirmando que o episódio de Leme "foi provocado para desestabilizar sua candidatura"? Não está Sarney apoiando Antônio Ermírio porque o SNI lhe garante que este "tira votos de Suplicy"?

Parece tempo de malufismo: às acusações disparatadas e sem fundamento (fornecidas pela polícia) junta-se o total desinteresse dos poderes públicos pelas condições cotidianas de violência da vida e do trabalho dos bóias-frias (sequer indagam de onde vem a expressão "bóia-fria"). Há quinze dias, imprensa e televisão mostravam os cortadores de cana solicitando ao Ministério do Trabalho solução negociada para o problema, criado desde a greve de Guariba. Nesta, a batalha fora pelo número de "ruas de corte", a resposta dos usineiros sendo o pagamento das "ruas" ao pagamento por tonelada, lesando os trabalhadores mais uma vez. A greve de agora se faz contra essa "solução" safada dos usineiros. Mas isto parece irrelevante às autoridades ditas competentes. Cinismo?

É tempo de malufismo. Que SNI, ministros e comandantes de polícia queiram a repressão dos bóias-frias, quem se surpreenderia? Mas surpreende a cegueira política do governo do PMDB, preferindo ignorar a oposição sistemática e publicamente notória que a instituição policial fez e faz ao governo do Estado.

Neste triste fim de governo do PMDB (o da "participação democrática", alguém ainda se lembra do slogan?), a situação vai do patético (a linguagem humanista desacompanhada de práticas para efetua-la) ao grotesco (Quércia e seu "pacote da segurança"); Montoro adotando a fala da extrema-direita sobre "agentes provocadores vindos de fora". Torna-se evidente que o governo do PMDB nunca se empenhou a fundo para mudar as relações sociedade-polícia. Assim não fosse e todos atropelos e desacertos, publicamente conhecidos, na área de segurança teriam merecido análise política, em lugar de votos piedosos e de conivência secreta. Mais triste — uma vergonha — é o governo do PMDB recusar-se a enxergar o que se passa à sua volta e localizar o verdadeiro foco de desestabilização () pior cego é aquele que não quer ver.

(Primeiro Caderno — Página 2)